

Aula 7

O TENENTISMO NA CRISE DOS ANOS 1920

META

Debater a importância histórica do movimento tenentista na história política brasileira, utilizando o filme *Avante Camaradas* (1986), de Micheline Bondi, como elemento motivador para o debate historiográfico.

OBJETIVOS

Situar o movimento tenentista na crise do sistema oligárquico dos anos 1920, no contexto das correntes historiográficas sobre sua importância na história do Brasil republicano. Analisar a Coluna Prestes como o episódio mais marcante do movimento tenentista, a partir do filme *Avante Camaradas*, confrontando-o com a bibliografia sobre o assunto.

PRÉ-REQUISITOS

Assistir ao filme *Avante Camaradas* (1986), de Micheline Bondi (Coleção do Projeto VideoEscola de sua cidade).

Antônio Fernando de Araújo Sá

INTRODUÇÃO

Olá, caro aluno! Estamos aqui novamente. Está gostando dessas nossas travessias históricas? Esperamos que os nossos percursos não tenham sido tão árduos, mas que estejamos caminhando paralelamente com você. Vamos em frente!

Na aula passada, transitamos por alguns acontecimentos da década de 1920, como a Semana de Arte Moderna, em que foi possível verificar o empenho de artistas de diversos segmentos (literatura, pintura, escultura) em produzir uma arte que resgatasse as origens do povo brasileiro, como forma de renovação da nossa cultura.

Nesta aula, vamos estudar um episódio histórico que já mencionamos na aula passada, o movimento tenentista. Desse movimento, procuramos selecionar o acontecimento que consideramos mais marcante: a Coluna Prestes, e iremos comentar dois autores com visões opostas sobre esse episódio: Nelson Werneck Sodré e José Augusto Drumond.

Mas antes de ir avante na leitura desta aula, é fundamental que você assista ao filme *Avante Camaradas*, para associar as questões apresentadas nesse filme aos nossos comentários sobre a Coluna Prestes.



Luís Carlos Prestes por ocasião do exílio da Coluna, 1928. Porto Suarez (Bolívia). (Fonte: <http://www.cpdoc.fgv.br>).



Luís Carlos Prestes como oficial do exército. (Fonte: <http://www.galizacig.com>).

O DEBATE

Na primeira parte desta aula, vamos situá-lo nos estudos acerca da atuação política dos militares na Primeira República, já que é fundamental para que você compreenda as questões discutidas no segundo segmento. Por isso, leia com atenção, pois para se ter um bom desempenho, é sempre recomendável estar por dentro dos fatos.

A atuação política dos militares na Primeira República adquire uma maior visibilidade dentro da historiografia brasileira com a emergência de trabalhos sobre o movimento tenentista da década de 1920. Pelo menos até os anos 1960, a maior parte da literatura sobre os militares na Primeira República se enquadrava no modelo interpretativo em que os tenentes apareciam como representantes das classes médias urbanas em confronto com as oligarquias rurais. Influenciada pela obra clássica de Virgínio Santa Rosa, escrita em 1933, praticamente no calor dos acontecimentos, essa produção historiográfica tem como principal representante os trabalhos de **Nelson Werneck Sodré**, configurando aquilo que ficou conhecido como interpretação “classista” do movimento tenentista.

Ver glossário no final da Aula

Logo após o golpe de 1964, os trabalhos de Maria do Carmo Campelo de Souza, Paula Beiguelman e Boris Fausto começaram a questionar esse modelo interpretativo, sugerindo que os tenentes não representavam politicamente os interesses das camadas médias urbanas e não tinham um projeto de transformação da sociedade brasileira. Também é destacado o caráter autoritário e elitista da atuação tenentista no trato com a população brasileira, especialmente no caso da revolta de 1924 e mesmo na Coluna Prestes. Para estes autores, o que havia ao longo da Primeira República era uma relação de complementariedade e não de antagonismo entre os setores urbanos e as oligarquias rurais.

Nas palavras do historiador Boris Fausto, o tenentismo na década de 1920 foi o centro mais importante de ataque ao predomínio da burguesia cafeeira, revelando dimensões específicas que nos levam a rever o viés classista de protesto das classes médias. Se seu ideário expressa um tímido programa modernizador, a tática dos tenentes é radical, com a tentativa aberta de assumir o poder pelo caminho das armas. Deste modo, “embora inicialmente isolado, o movimento tenentista está muito à frente de todas as oposições regionais, ao iniciar a luta, em julho de 1922” (FAUSTO, 1972, p. 113).



Coluna Prestes, Pintura a óleo/tela de Cândido Portinari, Paris, 1950 (Fonte: http://www.portinari.org.br/IMGS/jpgobras/OAa_1543.JPG).

Para dialogar com o filme sobre a Coluna Prestes, *Avante Camaradas* (1986), de Micheline Bondi, utilizamos duas obras que, com interpretações diversas, podem proporcionar ao estudante uma visão múltipla do episódio épico mais marcante do movimento tenentista. Apesar de as revoltas tenentistas remontarem ao levante do Forte de Copacabana em 1922 e às revoltas de julho de 1924, em São Paulo, Sergipe, Mato Grosso e Manaus, a escolha da Coluna Prestes para pensarmos o tenentismo se deve à possibilidade de ela ser considerada como síntese da rebelião tenentista na luta contra as oligarquias dominantes nos anos 1920. Suas reivindicações eram comuns às desavenças oligárquicas, girando em torno de temas como o voto secreto, justiça eleitoral, proibição de reeleição, educação pública obrigatória, moralidade política e administrativa, maior independência do Legislativo e Judiciário.

Entretanto, ao longo da década de 1920, duas linhas de ação vão-se esboçando no conjunto do movimento tenentista. Luís Carlos Prestes e Miguel Costa tentavam dar ao movimento de derrubada das oligarquias um sentido nacional-popular, enquanto Juarez Távora, entre outros, tinham uma postura mais moderada, temendo o avanço da subversão da ordem social. O resultado dessa divisão se dá exatamente em 1930, quando Prestes, em seu manifesto de maio desse ano, sugere uma mudança social radical próxima das idéias do comunismo revolucionário.

TRECHOS DO MANIFESTO DE PRESTES DE MAIO DE 1930

Ao proletariado sofrido das nossas cidades, aos trabalhadores oprimidos das fazendas e das estâncias, à massa miserável do nosso sertão e muito especialmente aos revolucionários sinceros, aos que estão dispostos à luta e ao sacrifício em prol da profunda transformação por que necessitamos passar [...]

[...] Mais uma vez os verdadeiros interesses populares foram sacrificados e vilmente mistificado todo o povo, por uma campanha aparentemente democrática, mas que no fundo não era mais do que a luta entre os interesses contrários de duas correntes oligárquicas, apoiadas e estimuladas pelos dois grandes imperialismos que nos escravizam, e aos quais os políticos brasileiros entregam, de pés e mãos atados, toda a Nação. [...]

[...] A tudo assistimos calados, sacrificando o prestígio moral da revolução, sempre crentes no milagre que seria a eventualidade de uma luta armada entre as duas correntes em choque e que, desta luta entre os dois interesses, pudesse talvez surgir a terceira corrente, aquela que viesse satisfazer realmente as grandes necessidades de um povo empobrecido, sacrificado e oprimido por meia dúzia de senhores, que, proprietários da terra e dos meios de produção, se julgam a elite capaz de dirigir um povo de analfabetos e desfibrados, na opinião deles, e dos seus sociólogos de encomenda.

De qualquer forma, o erro foi cometido e é dele que nos devemos penitenciar publicamente, procurando, com toda a clareza e sem receios de qualquer ordem, qual o verdadeiro caminho a seguir para levar para diante a bandeira revolucionária, que hoje — mais do que nunca — precisamos sustentar. Sirva-nos para alguma coisa a experiência adquirida e dediquemo-nos, com coragem, convicção e real espírito de sacrifício, à luta pelas verdadeiras reivindicações da massa oprimida. [...]

Assim, venceremos.

Luiz Carlos Prestes, Buenos Aires, maio de 1930.

Mas apesar de todo o empenho de Prestes em sua proposta política, é importante que você atente, caro aluno, que apenas uma ínfima parcela dos tenentes o seguiria, convergindo uma maioria esmagadora para a adesão à dissidência oligárquica civil chamada de Aliança Liberal e que, posteriormente, apoiaria o vitorioso movimento de outubro de 1930.

Como já mencionamos, a nossa proposta é comentar duas obras que abordam o episódio da Coluna Prestes. Daremos início pela obra de Nelson Werneck Sodré, *A Coluna Prestes: análises e depoimentos* (WERNECK SODRÉ, s/d), especialmente por mesclar depoimentos de combatentes com acurada análise crítica. Seu livro situa, primeiramente, o contexto histórico internacional e nacional, para depois analisar a emergência do tenentismo como fenômeno político reformista da pequena burguesia, “vanguarda aguerrida da ascensão burguesa” no Brasil (WERNECK SODRÉ, s/d, p. 28). Sua leitura classista do Tenentismo aproxima-se das idéias de Virgínio Santa Rosa (1976), quando afirma que embora sejam militares seus principais autores e participantes, não agem como militares e sim como representantes da inquietação das classes médias, de uma burguesia progressista. Por outro lado, Sodré aproxima-se das teses da **III Internacional Comunista**, quando coloca o Brasil no grupo de países dependentes em que “as relações capitalistas tendem a alastrar-se, as formas pré-capitalistas se debilitam, a burguesia, em alguns, tendem a ocupar, na área política, espaço mais amplo, disputando a participação no poder” (SANTA ROSA, 1976, p. 10).

Ver glossário no final da Aula

Por conseguinte, Sodré interpreta os conflitos de classe na Primeira República como resultado do antagonismo entre o latifúndio - em aliança com o imperialismo - e as forças nacionalistas compostas pela burguesia nacional, a pequena burguesia e as classes populares, pois, nessa luta, as classes médias - e, em particular, os tenentes que as representavam - teriam o papel de vanguarda das reivindicações burguesas. Segundo o autor, o Tenentismo “assinala o início da derrocada da velha estrutura econômica brasileira, aquela que, apesar da Abolição e da República, era simples continuação da que ancorara na fase colonial” (WERNECK SODRÉ, s/d, p. 17). Este modelo interpretativo se aproxima das teses do Partido Comunista Brasileiro a partir do seu VI Congresso, em 1954, defendendo que a Revolução de 1930 representou a consequência desta luta entre a burguesia e o latifúndio, associada ao imperialismo.

Estas teses foram questionadas quando se buscavam explicações para a derrota das esquerdas com o golpe de 1964. Um dos seus principais críticos foi **Caio Prado Júnior**, com a publicação do livro *Revolução Brasileira* (1966). Foi o início de inúmeras revisões críticas sobre as teses de Nelson Werneck Sodré, capitaneadas por autores como Maria do Carmo Campelo de Souza e Boris Fausto, que argumentavam, com razão, não haver uma contradição fundamental entre o setor agrário-exportador e o setor urbano-industrial, mas sim uma relação de complementariedade entre ambos (MOTA, 1976).

Sobre a bibliografia da Coluna Prestes, Sodré reitera a necessidade de se recuperar a esquecida obra de Lourenço Moreira Lima, *Coluna Prestes (Marchas e combates)*, como um clássico da historiografia brasileira, cujo valor equivale, sob certos aspectos, ao de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; e, sob outros aspectos, ao de *A Retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay.

É, principalmente, a partir desta obra que podemos acompanhar a análise de Sodré sobre a Coluna Prestes como o episódio culminante do tenentismo. A utilização das páginas de Lourenço Moreira Lima por parte dos historiadores se deve, principalmente, pela riqueza de detalhes com que descreveu a epopéia, dando-lhe um colorido todo especial, em virtude de sua heróica participação ao longo de toda a marcha pelos sertões do Brasil (MOREL, 1987, p. 80).

Para reconstituir a longa marcha da Coluna Prestes, que percorreu 25.500 quilômetros, segundo Lourenço Moreira Lima, Sodré também se valeu dos depoimentos de três militares que participaram dela: Luís Carlos Prestes, General Emídio da Costa Miranda e do Coronel Aristides Correia Leal. A publicação destas entrevistas é importante, no contexto da ditadura militar, por resgatar o ideário libertador e democrático de parcelas das Forças Armadas brasileiras. Por outro lado, a partir delas, o historiador busca eximir de sua análise as versões apaixonadas e juízos subjetivos do feito político-militar. Mas dado o caráter extraordinário dos feitos militares e políticos, na construção da narrativa emerge certa glorificação daquela epopéia, cuja “grandeza épica permanecerá, imperecivelmente, em nossa história” (WERNECK SODRÉ, s/d, p. 9).

Nesta perspectiva, pelas suas qualidades militares invulgares, a liderança quase lendária de Luís Carlos Prestes encontra extraordinária ressonância na consciência popular brasileira. Tanto na parte referente à análise, quanto nas entrevistas, o que se apresenta é o inquebrantável espírito de luta de severa disciplina, que constituiu a unidade e o valor combativo da Coluna Prestes. Assim, são narrados episódios cotidianos de heroísmo, dos quais podemos mencionar o resgate de combatentes anônimos que, com atos de bravura, marcaram a história da Coluna, como é o caso de Agerson Dantas, Modesto Laffayette Cruz, Hildebrando de Oliveira, os Tenentes Olmiro Sores de Oliveira e Apolinário Pinto, ou mesmo Zé Viúvo e Tio Balduíno.

É deste cenário que brotam as lendas inspiradoras de inúmeras narrativas e cantorias dos violeiros sertanejos. Todavia, o papel das mulheres na Coluna Prestes ficou suprimido na narrativa do autor, sendo mencionadas sem o devido valor que desempenharam, como, aliás, foi ressaltado na entrevista de Luís Carlos Prestes.

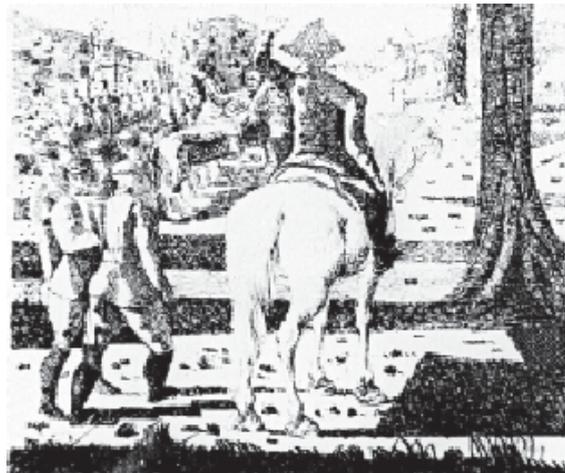
Apesar de em diversos momentos e lugares ter enfrentado as tropas do Exército, o principal inimigo da Coluna foi a tropa do latifúndio, inclusive por terem convocado o bando de Lampião, o cangaceiro mais famoso do Nordeste naquele período, para enfrentá-la. Uma das principais características da jagunçada era a crueldade e a violência com os participantes da Coluna Prestes e seus parentes. Além de torturas, o assassinato de presos era comum.



Cangaceiro, pintura de Di Cavalcanti, 1952
(Fonte: <http://www.dicavalcanti.com.br>).



Cangaceiro, Aldemir Martins, 1977 (Fonte: <http://masp.uol.com.br>).



O Cavaleiro da Esperança, desenho a nanquim bico-de-pena/papel, Cândido Portinari, 1948 (Fonte: <http://www.portinari.org.br>).



Capa do livro *A Coluna Prestes - rebeldes errantes*.

O sucesso da Coluna nestes enfrentamentos deve ser atribuído ao bem montado esquema de segurança. Para isso, as “potreadas” - pequenas patrulhas de cinco a quinze homens - foram fundamentais para a guerra de movimento, embora causassem baixas na tropa, pois os “potreadores”, além de trocar os animais estropiados e trazerem consigo alimentos, funcionavam como exploradores. Como re recorda Prestes, eles também traziam “vaqueanos”, que forneciam informações preciosas sobre a área, pois os mapas do Brasil, em geral, eram muito falhos nos detalhes.

Mesmo com a intensa propaganda do governo de que a Coluna Prestes era formada por um bando de assaltantes, a população interiorana tinha certa esperança nela, principalmente quando libertava presos nas cidades do interior, cuja prisão, na maioria das vezes, relacionava-se às questões de propriedade. Talvez esse seja o principal elemento de debate em torno do filme de Micheline Bondi, construindo sua nar-

rativa a partir da espera libertadora da Coluna no interior da Bahia. Curiosamente, foi nesse estado que os combatentes de Prestes mais sofreram infortúnios através da perseguição dos jagunços dos coronéis do sertão.

Contudo, as adesões à Revolução não viriam senão espaçadamente e, no conjunto, desprovidas de significação. O atraso do campo, com a presença determinante do latifúndio, não possibilitava a adesão das massas do interior.

Do ponto de vista da ideologia dos combatentes, Sodré a caracteriza como pequeno-burguesa e reformista no plano ético, na medida em que “pretendeu purificar o regime republicano, despojá-lo dos desvios, dos erros, dos desmandos que a realidade brasileira lhe impusera” (WERNECK SODRÉ, s/d, p. 55). Como ressalta Aristides Correia Leal, em entrevista publicada na obra de Sodré, até o fim da Coluna, “nenhum dos seus componentes pensava em reformas sociais. O que todos pensavam era na melhoria das condições de vida do povo brasileiro” (WERNECK SODRÉ, s/d, p. 104). Também Prestes afirma que o objetivo era derrubar o governo e, do ponto de vista social e político, os combatentes estavam praticamente desarmados.

Seu idealismo, contudo, alterou a situação política nacional, favorecendo a ampliação de vozes dissonantes como a do Partido Democrático (PD), em 1926, em São Paulo, que reuniu elementos dispersos da oposição à ordem vigente. Ante o fracasso da coluna em seus objetivos primordiais de

derrubada do governo de Artur Bernardes e o exílio na Bolívia, percebe-se uma aproximação entre os combatentes da Coluna, em especial Luís Carlos Prestes e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). A partir daí, a influência da ideologia trazida pela fração militar nas decisões do PCB conservar-se-á por um prolongado período.

O avanço da pesquisa histórica no Brasil permitiu que algumas das teses defendidas por Nelson Werneck Sodré fossem revistas, principalmente aquela que propõe o antagonismo entre o latifúndio - e o imperialismo - e a burguesia urbana para explicar a crise da Primeira República ou a leitura classista do movimento tenentista. Entretanto, isto não implica, de modo algum, que sua obra, como um todo, seja considerada ultrapassada ou “datada”, pois, apesar e a ditadura militar instalada após o golpe de 1964 o ter perseguido implacavelmente, Sodré conseguiu produzir mais de duas dezenas de livros, contribuindo tanto para a revisão da história do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), quanto, em um dos seus últimos livros, para uma análise acurada do neoliberalismo.

Agora que você já leu o nosso comentário sobre a obra de Sodré, acerca da Coluna Prestes, e já assistiu ao filme, espero que as questões propostas pelo filme tenham ficado mais claras. Mas há mais informações ainda, vamos começar a segunda etapa. Respire fundo e vamos em frente para a proposta de Drummond.

Dentro da nova historiografia sobre a Coluna Prestes selecionamos a obra *A Coluna Prestes: rebeldes errantes* (1985), de José Augusto Drummond, por oferecer uma versão baseada na literatura de memórias, depoimentos e documentários produzidos por participantes, simpatizantes e inimigos, além de se contrapor à leitura de Nelson Werneck Sodré, no sentido de enfatizar uma interpretação “militarista” do movimento tenentista.

Seguindo os passos de Boris Fausto e José Murilo de Carvalho, Drummond afirma que outras variáveis devem ser colocadas para se pensar o tenentismo, especialmente o viés corporativo das Forças Armadas, tais como a situação profissional dos oficiais, os currículos das escolas militares, os efetivos, os orçamentos, os padrões de recrutamento, a importância das polícias militares estaduais, o espírito de corps etc. Assim, para ele, o elemento fundamental para a compreensão do tenentismo é a “defesa de um papel político especial para o Exército brasileiro, como árbitro e salvaguarda última do regime republicano e da própria sociedade” (DRUMMOND, 1985, p. 14).

Produto do fracasso dos levantes de 1924, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, Drummond (1985) sugere que a insatisfação política dos militares com a situação política nacional foi o motivo central para prosseguir a campanha, com o objetivo de oferecer uma nova alternativa de rebelião militar para o desencadeamento da insatisfação dos oficiais espalhados nas unidades militares de todo o país. Em sua leitura dos depoimentos de participantes e simpatizantes da Coluna, o autor afirma ter sido uma

minoria dos oficiais rebeldes que resolveu seguir na luta revolucionária, já que a maioria preferiu o exílio. A explicação militarista defendida pelo autor encontra respaldo na argumentação de que a importância ou não da adesão popular ou civil não fora cogitada para o avanço da luta revolucionária, e que a cisão de abril de 1925 ocorreu pela divergência militar em torno da guerra de movimento.



Participação dos Tenentistas na revolução de 1924 (Fonte: <http://www.anovademocracia.com.br>).

Parece que o conceito de guerra de movimento fora ousado demais para a maioria dos oficiais rebelados de São Paulo. Deste modo, a Coluna Prestes foi impulsionada no seu nascedouro por “considerações de tática e estratégia militares e do papel político ‘salvador’ do Exército” (DRUMMOND, 1985, p. 36). Não houve, então, propostas políticas específicas e não parece ter havido, também, segundo o historiador, qualquer iniciativa mais séria de buscar adesões civis para o apoio da rebelião. Os relatos dos participantes da Coluna mostram pouca adesão por parte dos civis, concentrando-se em Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, no início da sua grande marcha (maio a setembro de 1925). Uma presença maior de civis só ocorreu no Maranhão e Piauí, quando alguns líderes locais (dissidentes de governos estaduais) resolveram atuar em conjunto com os tenentes. Assim, ao atuar de forma isolada e elitista, os tenentes desprezaram a participação popular e dificultaram os entendimentos com líderes oposicionistas. Vale ressaltar que, apesar destes elementos típicos do militarismo tenentista, eles não propunham a adoção de um governo militar.

Para Drummond, a reorganização da Coluna no dia 10 de junho de 1925 ocorreu, em parte, devido aos intensos conflitos entre os soldados gaúchos e paulistas por causa de rivalidades regionalistas. Neste sentido, a criação do estado-maior e de quatro destacamentos explicita o desprezo dos

oficiais ante o regionalismo, representando os soldados, para os tenentes, uma massa de inferiores hierárquicos e não uma base social conquistada pelo partidarismo político. Portanto, ao tentar caracterizar o movimento como “nacional”, identificando Exército e nação, os tenentes da Coluna Prestes tentavam superar as disputas regionalistas e não pretendiam comandar a revolta de dois (ou mais) estados.

A grande marcha da Coluna Prestes pelo Brasil percorreu um longo trajeto (em torno de 25 mil quilômetros) a cavalo ou a pé, fugindo sistematicamente das grandes cidades, ferrovias e boas estradas de rodagem. Segundo o autor, ressaltando as **escaramuças**, emboscadas e manobras diversionistas, a Coluna travou cerca de cinquenta combates de vulto e permaneceu invicta ao longo do seu trajeto. Além disso, é importante que você atente, caro aluno, para o variado painel humano que a compunha em sua longa trajetória pelo Brasil.

Ver glossário no final da Aula

Em seu comando militar, os oficiais da Coluna Prestes, apesar de se auto-intitularem representantes do Exército, não chegavam a duas dezenas, incluídos um oficial da Força Pública de São Paulo, um aspirante e quatro ex-alunos da Escola Militar do Realengo. Do ponto de vista quantitativo, os cerca de 30 oficiais do Exército que optaram pelo exílio em abril de 1924 eram mais representativos do que o comando da Coluna. Contudo, em termos qualitativos, ela construiu o grupo tenentista mais importante.



Membros da Coluna Prestes - Luís Carlos Prestes (segundo da esquerda para a direita) e Lourenço Moreira Lima (primeiro à direita) com Juan Clouzet, gerente comercial da Bolívia Concessions, 1927. La Guaba, Bolívia. (Fonte: www.cpdoc.fgv.br).

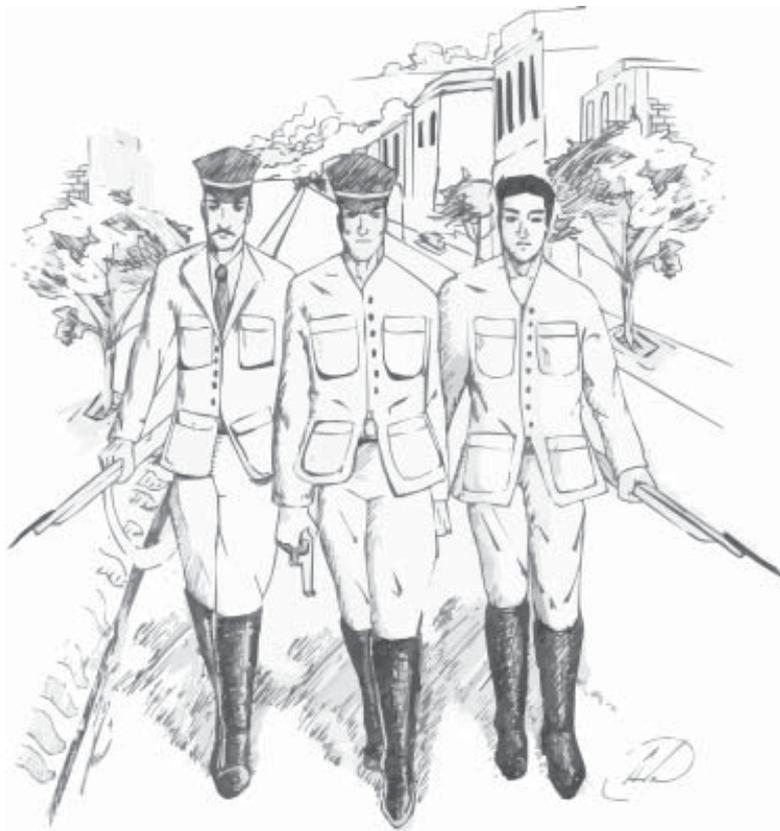
Mas não pense que somente os militares estiveram à frente desse movimento. A Coluna também teve alguns civis no comando, como Lourenço Moreira Lima, José Damião Pinheiro Machado, Atanagildo França, Manuel Alves Lira, Nestor Veríssimo. Entre os combatentes, além de sargentos, cabos e soldados do Exército e da Força Pública de São Paulo, oriundos

da rebelião de 1924, também compunham a Coluna quase uma centena de libertadores gaúchos, remanescentes dos levantes de 1924, no Rio Grande do Sul. Um grupo pequeno de mulheres, acompanhando seus maridos ou companheiros, também atuou na Coluna, causando, às vezes, certas tensões e ciúmes entre os homens.

Como sugere Drummond, talvez o mais importante da Coluna tenha sido a sua própria existência, na medida em que, a partir de julho de 1925, seus oficiais “não mais procuravam uma vitória militar propriamente dita” (DRUMMOND, 1985, p. 58). Ao mesmo tempo, o autor afirma que a já superficial ação política da Coluna foi, ao longo da sua trajetória, esvaziada pela obsessão com a mobilidade militar e anulada pela rejeição popular generalizada, especialmente no Nordeste brasileiro. A associação da imagem de bandoleiros ou cangaceiros, construída pelas lideranças locais e chefes da força legalista, fez com que houvesse temor de saques, assassinatos e atrocidades entre a população nordestina quando da aproximação da Coluna.

Um grupo pequeno de mulheres também atuou na Coluna Prestes.

A repressão à Coluna foi feita, principalmente, pelas polícias militares estaduais, “batalhões patrióticos” e grupos de jagunços. O Exército foi quem



menos participou dessa repressão, sendo realmente importante somente no cerco legalista no oeste do Paraná (outubro de 1924 e abril de 1925), no Mato Grosso (em maio e junho de 1925), em Teresina (Piauí), em dezembro de 1925, e na Bahia (fevereiro e junho de 1926). Segundo Drummond, a “hostilidade popular na Bahia foi mais importante que qualquer operação militar específica para abater o moral e diminuir a sua eficiência bélica” (DRUMMOND, 1985, p. 79).

Nessa leitura, o sucesso militar suprimiu seu fracasso político, pois, apesar de sua trajetória vitoriosa de Coluna invicta do ponto de vista político, limitou-se a um prolongado protesto, quase simbólico, contra a situação política nacional, dirigido especificamente à oficialidade do Exército e em nenhum momento pôs efetivamente em ameaça os fundamentos econômicos, políticos e sociais da sociedade brasileira.

Para concluir, talvez a interpretação mais interessante sobre o movimento tenentista seja a de Maria Cecília Spina Forjaz, pois não percebe uma oposição necessária entre a interpretação institucional e a interpretação classista da presença militar na política. Para ela, os tenentes eram, ao mesmo tempo, parte da sociedade e parte do Estado, sendo impossível compreender sua atuação e comportamento político-ideológico sem essas dimensões. Assim, poderíamos ver, a partir da superposição dessas “situações”, esse movimento de contestação das estruturas oligárquicas, “muito radical em sua forma e limitado em sua ideologia” (FORJAZ, 1977, p. 28).



Debata em grupo de 2 a 5 alunos as duas versões apresentadas sobre o tenentismo e responda de que modo o filme mencionado ajuda-nos a conhecer melhor as esperanças das classes subalternas por uma reforma do sistema político oligárquico. (Atividade para fórum na Internet)

CONCLUSÃO

Ao situarmos o debate sobre o tenentismo, tentamos superar a dicotomia das interpretações “classista” e “militarista” sobre o fenômeno, uma vez que é impossível compreender sua atuação e comportamento político-ideológico sem ambas dimensões. A seleção de um filme que aborda o tema de modo ficcional contribuiu para pensarmos não os acontecimentos em si relacionados ao movimento tenentista, mas como foram representados na historiografia, na literatura memorialística e no cinema, registrando virtualidades latentes da história individual e coletiva do país.



RESUMO

Nesta aula procuramos situar o tenentismo no contexto da crise dos anos 1920, quando as bases da estrutura política da Primeira República começam a ser questionadas por atores sociais excluídos do processo político oligárquico, como os tenentes e as oligarquias dissidentes. Aliado ao fator político, não podemos nos esquecer da crise econômica do início dos anos 1920, que favorecia a insatisfação das camadas médias urbanas diante do processo inflacionário. Entre os levantes tenentistas da década de 1920, escolhemos a Coluna Prestes por representar uma síntese da rebelião tenentista na luta contra as oligarquias dominantes dessa década, possibilitando, através disso, pensarmos em suas contradições e ambigüidades do ponto de vista político-ideológico.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Vavy Pacheco. **Tenentismo e revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CARVALHO, José Murilo de. As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (coord.). **História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil republicano**. v. 2. São Paulo: DIFEL, 1978. Tomo III.
- CARONE, Edgar. **Revoluções do Brasil contemporâneo (1922-1938)**. São Paulo: DESA, 1965 (Coleção Buriti).
- DRUMMOND, José Augusto. **A Coluna Prestes: rebeldes errantes**. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Coleção Tudo é História, 103).
- FAUSTO, Boris. **Pequenos ensaios de História da República (1889-1945)**. São Paulo, Brasiliense/CEBRAP, 2 ed., 1972.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e política: Tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e Aliança Liberal (1927-1930)**. São Paulo: Polis, 1978 (Coleção Teoria e História).
- LIMA, Lourenço Moreira. **Coluna Prestes (Marchas e Combates)**. 3 ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
- MOREL, Edmar. **A marcha da liberdade: a vida do repórter da Coluna Prestes**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Brasil em perspectiva**. 7 ed. São Paulo: DIFEL, 1976.

SANTA ROSA, Virgínio. **O sentido do Tenentismo**. 3 ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes: análise e depoimentos**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

GLÓSSARIO



Nelson Werneck Sodré: Historiador, crítico literário e memorialista carioca (1912/1999). Publicou 52 títulos, entre os quais a História militar do Brasil (1962).

Internacional Comunista: Instituição que congrega vários movimentos comunistas no mundo. A primeira foi criada em 1864, a segunda em 1889 e a terceira em 1919.



Caio Prado Jr.: Historiador e economista paulista (1907/1990). Publicou o primeiro ensaio de interpretação marxista da história do Brasil: Evolução política do Brasil (1933).

Escaramuças: Combate de menor importância; breve luta durante investida militar ou entre pequenos grupos de soldados; qualquer briga, combate ou conflito. (Houaiss, 2007).